

Trump, inteligência artificial e os novos tempos



» ARNALDO NISKIER
Membro da Academia Brasileira de Letras e doutor honoris causa da Universidade Santa Úrsula

Nem todos acreditam, mas é verdade que a vitória de Donald Trump nas eleições norte-americanas pode ser em parte devida à existência da inteligência artificial (IA). A sua volta ao poder veio com promessas de frear a regulação da IA, conforme apoio no Vale do Silício, como demonstram as manifestações de Elon Musk. Limites éticos e de segurança à IA estabelecidos pelo presidente Biden serão cancelados por Trump — e isso agradou parte da população da maior economia do mundo.

Tudo integra as competições comercial e tecnológica com a China, apesar de concordarem com temas como semicondutores e GPUs. Trump condena a influência global da China, o que é uma realidade. Menos regulação e impostos foram decisivos em sua campanha, valendo destacar, nesse momento, o papel exercido pelo vice-presidente eleito J.D. Vance, defensor das chamadas práticas justas, o que significa acompanhar de perto todo esse processo de concorrência. Trump fala em impor mais barreiras comerciais a importados, como aumento de tarifas sobre manufaturados chineses, o que provocará alta nos custos do setor.

Passando a outro tema, o das apostas

esportivas, numa toada crescente a IA será utilizada para garantir a sua integridade. Esse incrível movimento prevê, inclusive, o reconhecimento facial para impedir menores de idade de apostar nas plataformas. Nova regulamentação entrará em vigor no país em 1º de janeiro próximo, quando as operadoras passarão a recolher impostos. Só a IBIA, organização internacional sem fins lucrativos que atua em parceria com órgãos esportivos, inclusive clubes de futebol, monitora mais de US\$ 300 bilhões por ano em apostas realizadas em mais de 125 marcas. A Fifa está nessa jogada, assim como o Comitê Olímpico Internacional.

Não há dúvida de que será a garantia de novos tempos, mas é preciso que isso se faça com fortes regras, garantindo a integridade do esporte. Nesse caso, questões como a do craque Bruno Henrique, do Flamengo, que teria manipulado a sua expulsão de um jogo, precisam ser evitadas. As varreduras inevitáveis garantirão a necessária confiabilidade, como também num caso anterior envolvendo o atleta Lucas Paquetá. Precisão deve acompanhar tudo isso.

Em nossas escolas, sobretudo as do ensino médio, registra-se hoje uma análise crítica do que é a IA e o que deve ser feito para a sua utilização com proveito pelo sistema. Surgem discussões éticas. Deseja-se estimular os nossos estudantes para serem líderes inovadores, no mundo digital que se avizinha.

Muitas escolas se preparam para as aulas de educação digital, que incluem privacidade e viés algorítmico. Mas algumas já iniciaram a adesão ao processo, com a correção de redações e na criação

de planos de estudos personalizados. Não quiseram esperar pelo ano de 2025. A tutoria on-line já é uma realidade. Sobre a correção de redações, o tempo de 17 minutos de um professor virou três minutos com o uso da tecnologia, o que, sem dúvidas, é um ganho significativo.

Queremos que a IA leve os estudantes a produzir boas perguntas, em lugar das criticáveis respostas prontas. Assim, eles poderão ter um melhor preparo para o Enem. Partindo do princípio de que vamos enfrentar um futuro digitalizado, a IA pode promover um bom e adequado sistema de preparação, integrando a tecnologia ao cotidiano escolar. Poderá vir a ser um poderoso auxiliar nas tarefas do aprendizado, que está sendo cada vez mais personalizado. A IA faz com que cada aluno possa aprender no próprio ritmo. E otimiza o tempo dos professores.

Particularmente, temos admiração por essa ferramenta pelo muito que ela pode ajudar na inclusão de alunos com necessidades especiais. Assim, se promove a equidade no ambiente escolar. Temos softwares de reconhecimento de fala e leitores de tela, para estudantes com deficiência visual. Existe hoje a possibilidade, independentemente da deficiência assinalada, de adaptação ao ritmo e ao estilo de aprendizado de cada aluno.

Desigualdades sociais podem ser superadas, o que exige o preparo adequado do professorado. A IA pode recomendar vídeos, textos e podcasts e até sugerir exercícios adequados, tornando a aprendizagem ainda mais dinâmica e inclusiva. Devemos nos preparar para esses tempos de aperfeiçoamento das nossas escolas.

O Brasil quer conhecer o Brasil. E é pra já



» JOSÉ NATAL
Jornalista

Quando Maurício Tapajós e Aldir Blanc, em 1978, pela voz incomparável de Elis Regina, convocaram o país a uma reflexão sobre nossos avanços democráticos e a difusão da evidente diversidade cultural, a sociedade esclarecida se encantou com a mensagem sensível dos compositores. E ela veio com a sonoridade de uma melodia, que fez sonhar e refletir, e até hoje faz. Estava na música *Querelas do Brasil* ou pelo refrão "O Brasil não conhece o Brasil", na interpretação magnífica de Elis, eterna e ainda viva na nossa memória.

De lá para cá, e lá se vão 46 anos, muito do que a letra da música registrou e pediu aconteceu e está acontecendo. Embora ainda existam fragmentos de resistência em alguns segmentos sociais, Ministério do Turismo, Polícia Federal, Embratur e Banco Central, cada entidade em sua função, confirmam que o turismo nacional atingiu neste ano, até agora, a cifra de R\$ 17,5 bilhões, com um movimento intenso de pessoas que andam Brasil afora visitando nossas praias, cidades históricas e adquirindo conhecimentos do legado cultural do país.

Segundo o Ministério do Turismo, desde o ano de 2019 esse avanço para a economia não acontecia. Lembra a fonte que esse índice foi registrado em julho último, impulsionado pelas férias escolares. Ou seja, dados confirmados indicam que os brasileiros, e também os estrangeiros, demonstram grande interesse em conhecer os encantos do nosso país. É fácil concluir, sem patriotismo exagerado, que as nossas belezas naturais e o charme do Brasil tropical têm tudo a ver com isso. Turismo é lazer, e, para que o país cresça ainda mais nesse setor e dele se beneficie, entram em campo o calor, o afago e o carinho daqueles que recebem o visitante.

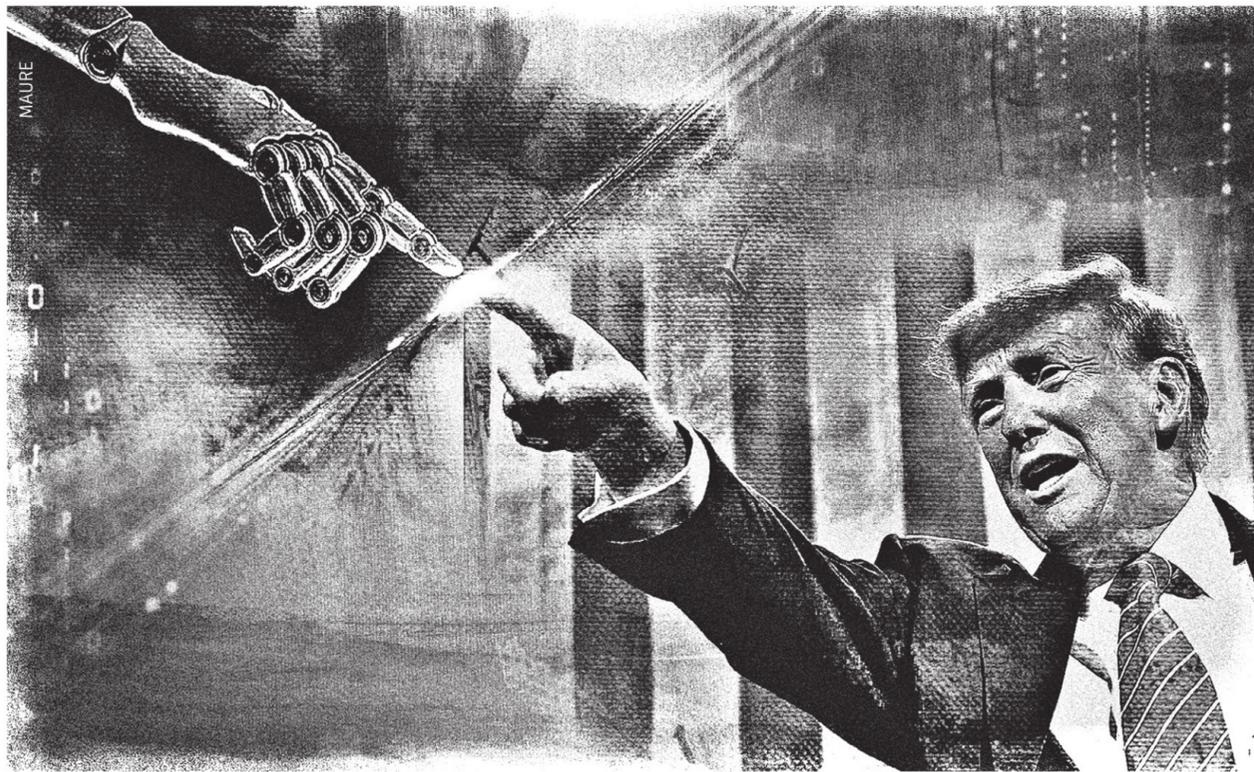
Desse pacote de boas vindas fazem parte profissionais das empresas aéreas, agências de turismo, receptivos, hotelaria, locadoras de veículos e aquelas que cuidam da gastronomia — aliás, um dos itens de maior aceitação por aqueles que por aqui transitam. Pelas estatísticas de quem cuida do turismo, as praias do nosso litoral nunca estiveram tão cheias de visitantes. O registro oficial confirma também que as cidades de Natal, Macéio, Salvador, João Pessoa e Recife são as mais visitadas no Nordeste. Apontam também que o mar, o afago e os encantos do Rio de Janeiro continuam com atrativos que conquistam turistas europeus e das Américas. Os visitantes não concordam muito com a definição da nossa Fernanda Abreu, que um dia disse que o Rio é "purgatório da beleza e do caos...". Para eles, é tudo beleza pura.

Vem do Banco Central a informação de que, nos últimos meses, o turismo rendeu ao país milhões de reais. Segundo o BC, somente nos primeiros oito meses de 2024, o Brasil recebeu mais de 4,45 milhões de turistas de outros países. Um aumento de 10,7%, relativo ao mesmo período de 2023. Durante o último mês de agosto, quase 428 mil turistas de outros países vieram ao Brasil, e por aqui deixaram milhões na caixa do país, fazendo o elevador da economia subir, e muito.

Segundo fontes do Ministério do Turismo, nem a fumaça dos incêndios criminosos que invadiram o país nem os exageros de São Pedro com fortes chuvas em várias regiões afugentaram visitantes. Essa realidade, ao que tudo indica com sinais evidentes de ação positiva, obriga e convoca o setor a melhorar sua estrutura de trabalho e a se modernizar. A política de incentivar e convidar o brasileiro a conhecer o Brasil tem o apoio de todos aqueles que, de alguma forma, também participam do processo.

As empresas aéreas já se manifestaram. O Estado da Bahia, por exemplo, terá a partir de janeiro de 2025 um benefício confirmado pela Azul Transportes Aéreos. As cidades de Lençóis, Guanambi e Barreiras, todas com potencial turístico, passam a contar com voos diários da empresa, a partir de Salvador. Uma opção a mais para que brasileiros que não conhecem o Brasil comecem a pensar em conhecer.

Para as agências que cuidam de organizar e programar passeios turísticos pelo Brasil, o item segurança surge como preocupação principal, e com absoluta razão. As cenas explícitas e absurdas de vandalismo e agressões de pessoas registradas nas ruas do Rio de Janeiro recentemente assustam e distanciam o cidadão de qualquer opção de lazer e descanso. Empresários do setor cobram dos ministérios do Turismo e da Justiça providências mais energéticas, que evitem situações de selvageria que a cidade tem enfrentado com alguma frequência. O brasileiro quer conhecer o Brasil, mas, para que isso aconteça, que seja com segurança, onde quer que ele vá. Algo mais além de apertar os cintos.



Eles querem tomar sua praia



» ALEXANDRE GASPARI
Especialista em energia do Instituto Climainfo

Em um país com mais de 8 mil quilômetros de litoral, a praia é um dos lugares mais democráticos do Brasil — um espaço de lazer e recreação acessível a qualquer pessoa. No entanto, mais uma vez o Congresso Nacional parece trabalhar contra a população e tenta transformar esse espaço de todos em um "cercadinho vip", com acesso apenas para quem tem (muito) dinheiro. Sem falar no estrago ambiental que isso pode causar na costa brasileira, agravando ainda mais as mudanças climáticas, que, por sua vez, já vêm causando eventos extremos cada vez mais frequentes e intensos, como provam as chuvas históricas no Rio Grande do Sul, em maio, e a seca sem precedentes na Amazônia, pelo segundo ano consecutivo.

Somente o descaso com o povo, com o meio ambiente e com o clima pode explicar a atitude do presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado Federal, senador Davi Alcolumbre (União-AP), de insistir em pautar a votação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 03/2022, relatada pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). E, por mais que seus defensores

tentem dizer o contrário, a PEC cria uma base legal para privatizar praias.

A proposta à Constituição tira da União a propriedade sobre os chamados terrenos de marinha, uma faixa de cerca de 30 metros de terra contados a partir da linha costeira. Com isso, o ocupante de uma área em terreno de marinha, que hoje paga à União uma taxa por essa ocupação, poderá comprar essa área, impedindo o acesso de pessoas às praias. Além disso, a transferência de áreas ocupadas por estados e municípios pode ser gratuita. Ou seja, em última instância nem pagar para "privatizar" o acesso ao litoral será necessário ao adquirente de uma área.

A "pergunta de 1 milhão de dólares" nessa proposta é: a quem interessa "privatizar" a costa brasileira? Certamente não a comunidades tradicionais, aos povos indígenas e quilombolas, que já lutam há tempos contra a pressão financeira por suas terras à beira mar e que estarão ainda mais ameaçados se a PEC das Praias for adiante. Somente os muito ricos, bilionários, ficarão felizes. Os mesmos cujo consumo desenfreado aumenta drasticamente as emissões de gases de efeito estufa (GEE) e, com isso, pioram as mudanças climáticas. São eles que agora querem lotear nossas praias com grandes empreendimentos vip, para alegria do setor imobiliário.

Mas não são somente populações tradicionais e nosso direito de ir e vir ao espaço de lazer mais democrático do Brasil que estão ameaçados por essa PEC escabrosa. Manguezais, vegetação de restinga, florestas nativas, tudo isso está em risco

se essa medida for levada adiante. Não há Código Florestal que vá impedir que esses megaempreendedores façam o que quiserem nessas áreas se tiverem uma lei que os autorizem. Se muitas vezes já não respeitam a atual legislação, destruindo propositalmente o meio ambiente para depois assinar Termos de Ajustamento de Conduta que não resolvem o estrago, imaginem com uma carta branca que a PEC das Praias pode lhes dar se for aprovada.

A volta da proposta ao Senado, após meses "dormindo", fez também retornar a pressão nas redes sociais contra essa medida. Mas o mais irritante é constatar, mais uma vez, que deputados e senadores continuam agindo contra os interesses da população sem pestanejar. Por interesses eleitorais, seguraram por alguns meses essa e várias outras propostas absurdas, como o projeto de lei que regulamenta as edículas offshore, uma fonte renovável de energia, que inclui benefícios para combustíveis fósseis como gás e carvão. Passadas as eleições, voltam com carga total em suas ações contra as pessoas, o clima e o meio ambiente. E no apagar das luzes do ano, quando, parecem acreditar, a vigilância sobre eles diminui.

A mobilização rápida contra a PEC das Praias mostra que ninguém está dormindo. Quanto mais deputados e senadores tentarem avançar contra os direitos das pessoas, do clima e do meio ambiente, mais barulho faremos. A cobrança é permanente. Afinal, foram eleitos democraticamente e se arrogam como os "legítimos representantes do povo". Engavetar a PEC das Praias já seria um bom sinal para mostrar que isso é mesmo verdade.